

A VELHA GUARDA

ORGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Redactor principal:

AGOSTINHO FERNANDES ROCHA

Administrador: FRANCISCO GONÇALVES DA GUNHA

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Redacção e Administração: Rua Elias Garcia, 46. — Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

A OBRA MUNICIPAL

O imposto "ad valorem"

Há já mais dum mês que vimos publicada em «O Comércio do Porto» a seguinte correspondência:

Guimarães, 30 — A nossa camara, que devemos dizer nada tem feito digno de menção e que se tem notabilizado pela incuria com que trata da limpeza e melhoramentos locais, na sua sessão plenaria de 27 do mez corrente votou e approvou o imposto *ad valorem*, que será sujeito ao referendium das juntas de parochia. Consta-nos que as taxas são de 1 1/2 % sobre os tecidos, calçado, couros, cutelarias, objectos de celuloide, galalite e chifre e de 1 % sobre os demais artigos e productos. Ora aqui está um belo meio de a camara procurar baratear a vida em todos os seus ramos. Perante tão importante assumpto e procurar evitar que elle seja posto em execução, consta-nos que vai reunir a Associação Commercial e outras corporações deviam fazer o mesmo. Esta nova contribuição camararia foi mal recebida. — (M. O.)

Esperavamos que os principais interessados, industriais e commerciantes, directamente ou por intermédio das suas associações, promoveriam o que necessário fôsse para que não vingasse mais esta odiosa extorsão que, ao povo de Guimarães quere e vai fazer a sua Câmara Municipal.

Mas não; até hoje, não nos consta que essas classes se tivessem reunido para protestar, e, tendo, como teem, fôrça mais do que sufficiente para obrigar a Câmara a não pôr em execução tal deliberação, deixam, por ignorância, indolência ou pusilanimidade, que ela se torne um facto!

Para que serve, pois, a Associação Commercial? Para que servem tantas associações de classe que por aí há? Não veem as direcções dessas colectividades, as suas assembleias gerais, quanto de ruinoso representa para a economia deste concelho a nova prepotência da Câmara? Não percebem que o seu fim está

longe de ser o de irem com as suas bandeiras enfeitar as receções dos políticos que venham aqui fazer a sua propaganda eleitoral, mas antes o de pugnar pela defeza dos interesses das classes que represantam? Porque, e não é preciso pensar muito para o descobrir, o novo imposto há-de influir, e bastante, no desenvolvimento do comércio e da indústria de todo o concelho, atingindo, portanto, também, todo o pessoal assalariado que faz parte dessa engrenagem.

Mas ninguém vê isto. Se aos políticos monarchicos conviesse contrariar a Camara que elegeram, então eles dariam um sinal e logo todas as associações, a comercial à frente, promoveriam um clamoroso protesto. Isso se viu em ocasiões anteriores e de resto, tratava-se de medidas justas e imprescindiveis. Mas, como às suas conveniências politicas antes agrada que Câmaras, consideradas como republicanas, tomem deliberações que façam o descrédito da República, e esta é uma delas, calam-se muito calados, não se importando que um concelho como este, que tanto precisa de progredir, defínhe e morra, contanto que eles possam dizer que isso foi a obra da República.

E ninguém pensa no assunto. Desde que os tais bonzos sagrados ne-nhumas ordens dão, é porque essa coisa de 1 % ou 1 1/2 % sobre as exportações do concelho não tem importância alguma.

E, no entanto, se quizessem e soubessem fazer contas, verificariam que, exportando o concelho, durante o ano, productos que importam em muitas centenas de contos, esse imposto é dos mais violentos e dos que, melhor podendo impedir que a nossa exportação

amente, dentro de pouco tempo a fará reduzir a uma insignificância, do que aproveitarão outros concelhos que se saibam governar.

De casas comerciais sabemos nós, e não se trata das mais importantes, mas sim das mais modestas, que, a manterem o movimento que teem tido até agora, terão de pagar, pelo novo imposto, nove a dose contos anuais!

Isto pode ser? Isto é admissivel? Isto não será a extorsão pura e simples da maior parte dos seus lucros?

Que terá de fazer uma casa nestas condições? Pagar menos ao seu pessoal porque os productos já não podem encarecer mais, ou, se isso não bastar, porque realmente não bastará, deixá-lo sem tra-

balho, indo procurar exercer a sua actividade noutra terra cuja administração não esteja confiada a ineptos sem consciencia como são os que, desgraçadamente, occupam as cadeiras do Município.

E as associações de classe, e a Associação Commercial, e os industriais, operários, commerciantes e lavradores, sobre quem racai também o imposto, assistem impavidos a tudo isto, como se nada valesse, pondo todos os seus cuidados no lustrear das bandeiras flamantes com que irão fazer tagatés a qualquer snr. Lúcio, que lhes dê ensejo de as fazer admirar, mais uma vez, aos olhos embasbacados dos seus dignos associados!

E é assim que um concelho se perde.

rem numa farça de risivel intenção eleitoral?

Descarados até a última! Reunidas as colectividades vimaranenses na Câmara, não faltou lá o comilão-mór para falar aos incautos que ainda o não conhecem. Foi ele quem expoz o assunto, na ansia de que a gamela não fuja, no desespero de que lhe não tirem o desenho mecânico em que é mestre e a escola primária superior que tem como coisa sua.

Querem ainda dar sinais de vida; querem ainda, trazendo cá um Lúcio qualquer, deitar foguetes, fazer tocar músicas, para se darem ares de pimpões, para que lhes não fujam, tão depressa, os poucos votos com que, numa doce illusão, ainda contam.

Vão desejo de moribundos!... Não lhes recusemos a sua satisfação. Piedade pelos que morrem! Vão as bandeiras, vão as músicas, deixem tonitroar os foguetes. E' um funeral que passa; esqueçamos a lama que foi a vida deles e não atentemos na palhaçada em que quizeram, morrer...

Uma questão

E' questão aberta... a escolha dum Rei.

Na forma de governo actual, o povo elege o chefe que ha-de presidir aos destinos do país; mas como outro tanto não sucede com os nossos compadres monarchicos, dai proveem dificuldades e divergências na escolha da pessoa a coroar, optando uns pelo menino Nuno e outros pelo sr. D. Manoel de Bragança pessoa muito simpática e ingénua a quem de direito pertence o Trono de Portugal e que só o facto inesperado da sua esterilidade se opõe a que seja reintegrado nos Paços Reais.

Porque este nobre Senhor não reúne as qualidades do homem em geral, com bastante pesar dos seus admiradores...

Infelicidade!! Eis o povo azul fraccionado sem probalidades de chegar a um acôrdo, porque os *intregalistas* insistem na preferencia do sr. D. Duarte Nuno!!

E assim estabelecida a opposição de duas correntes igualmente fracas e sem rasão de ser, andam os nossos amigos... ás aranhas!

Dizera mais que durante a menoridade ou criancice do seu... menino (*integralista*) ficará regendo o país a insigne e nobre Duqueza de Guimarães, D. Aldegundes... a tia.

Nesta parte estou d'acôrdo; convenio na necessidade urgente de «uma tia» em Guimarães... Teem rasão os jovens *intregalistas*, sem uma boa e generosa tia para apaparicar os meninos... Deus me livre—isto não anda bem, lá isso não.

Pois srs., se me é permitido meter colherada no assunto, sou de parecer que a sucessão ao trono, nem deve dar-se a homens que pela sua natureza façam correr o perigo de não haver descendência, nem tão pouco a crian-

Impressões da semana

Do novo governo

Tem sido o assunto palpitante do dia, e não podia deixar de o ser, o último pronunciamento militar, em Lisboa. Cada um discute e aprecia o caso a seu modo, donde resulta serem tantas e tão variadas as apreciações que quasi se torna impossível lobrigar de que lado está a verdade.

Os insurrectos, para justificarem o seu procedimento, affirmam que os srs. drs. Bernardino Machado e Alvaro de Castro preparavam um golpe de estado para tirarem a presidência ao sr. dr. António José de Almeida; e, por sua vez, o sr. dr. Alvaro de Castro, no seu manifesto ao país, intimou os insurrectos a provarém essa affirmação. Ha quem diga que o sr. Presidente da República saiu fora da constituição, pela attitude que tomou perante os acontecimentos, e também ha quem diga que não.

A situação apresenta-se pois um pouco confusa, para os amigos do outro e deste governo. De por nós, apenas temos que louvar a conduta seguida pelo directório do nosso partido, não deixando de nos ser agradável a resolução tomada, no sentido de o P. R. P. se conservar alheio ao poder, deixando governar os outros. Ha muito que eramos dessa opinião, pois que, quanto mais tempo um partido se conserva no poder, mais se vai enfraquecendo. Quanto a dissolução do parlamento, de que também somos partidário, vimos bem a attitude tomada pelo grupo parlamentar e directório, apoiando-a.

A acção do actual parlamento tem sido pernicioso ao país, des-

de que elle se subdividiu em grupos, tolhendo a acção dos governos e contribuindo para a instabilidade dos mesmos.

A dissolução, portanto, impugna-se. Pelas últimas noticias dos jornais, parece que ela será dentro de poucos dias um facto e que teremos eleições antes do fim do mês.

E' justo que deixemos aqui registada a nossa admiração pela obra realizada pelo ex-ministro das finanças, sr. António Maria da Silva, que levou a cabo a realização do empréstimo externo, contribuindo assim para uma sensível melhoria cambial. A importância deste facto se refere o «Janeiro» destes dias por uma forma bem honrosa para aquele eminente homem de estado.

João do Vale.

Retardado na redacção.

No estertor...

Os dominguistas locais sentem o fim próximo. Vêem fugir-lhes o poderio de que fizeram uma bambochata. Olham para a gamela que se afasta, tanto e tão depressa, que, em breve, nem mais a verão. E, desesperados, tentam os últimos esforços. Da passagem do Liceu para o Estado urdem uma grande intrigue; mais uma, menos uma, não os avilta mais do que o que já estão; proclamam aos quatro ventos que isso é obra deles e do sr. Lúcio; é uma mentira, mas que importa?

Que importa se essa mentira lhes dá ensejo a trazer cá o sr. Lúcio, e a organizar um cortejo espaventoso a custa das associações que se vão prestar a mandar as suas bandeiras, devidamente acolitadas, para colabora-

